

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PARANÁ: VOGAIS MÉDIAS NO ALPR E ALIB/PR

LINGUISTIC VARIATION IN PARANÁ:
VOWELS /E/ E /O/ IN ALPR AND ALIB/PR

Fabiane Cristina Altino | [Lattes](mailto:fabiane@uel.br) | fabiane@uel.br
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Uma das tarefas de pesquisadores sobre o estudo da variação linguística é a de verificar se as características sócio-históricas e a diversidade geográfica são perceptíveis na fala dos habitantes. Esse objetivo está presente nos atlas regionais e nos atlas nacionais e, nesta perspectiva, vários trabalhos de cunho dialetológico foram empreendidos e inúmeros atlas regionais foram publicados. Entre eles, o ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, organizado em dois momentos: o primeiro de Aguilera, publicado em 1994, e o segundo, ainda sem publicação, por Altino, em 2007, resultado da tese de doutoramento. Este artigo pretende discutir os dados registrados nas cartas fonéticas dos dois volumes do Atlas Linguístico do Paraná, cotejá-los com os dados registrados nas entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, também no estado em questão, observando as falas de homens e mulheres entrevistados e buscando estabelecer o grau de influência dos diversos grupos étnicos presentes no estado em relação à manutenção ou alçamento das vogais média anterior e posterior. Os aspectos da colonização apontam para a possibilidade da diversidade linguística do estado.

Palavras-chave: Vogais médias; ALPR; ALiB; Dialetologia.

Abstract: One of the tasks of researchers in the study of linguistic variation is to verify whether socio-historical characteristics and geographic diversity are perceptible in the speech of the inhabitants. This objective is present in regional atlases and national atlases and, in this perspective, several dialectological works were undertaken and numerous regional atlases were published. Among them, the ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, organized in two moments: the first by Aguilera, published in 1994, and the second, still unpublished, by Altino, in 2007, the result of a doctoral thesis. This article aims to discuss the data recorded in the phonetic of the two volumes of the Atlas Linguístico do Paraná, to compare them with the data recorded in the interviews of the Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, also in the state in question, observing the speeches of men and women interviewed and seeking to establish the degree of influence of the different ethnic groups present in the state in relation to the maintenance or elevation of the vowels /e/ e /o/. The aspects of colonization point to the possibility of linguistic diversity in the state.

Keywords: Vowels /e/ and /o/; ALPR; ALiB; Dialectology.

Introdução

É consenso entre os estudiosos da linguagem a necessidade de estudos sobre a diversidade linguística. Esse propósito já era discutido, há exatamente um século, por Amadeu Amaral (1920/1976, p. 2), sobre o desejo de que houvesse “observadores imparciais, pacientes e metódicos” empenhados na tarefa de recolher elementos em cada uma das regiões brasileiras para reunir grande número de contribuições, segundo o autor, restritas em volume e em pretensão, mas que, em seu universo apresente boa recolha de dados com apuro teórico.

Essa preocupação com a descrição dos falares que formam o português brasileiro também foi preconizada por Houaiss (1960), quando tratava da criação do Centro Latino-Americano de Pesquisa de Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, em 1957. O autor assinalava a necessidade de o recém-fundado Centro levar em consideração os aspectos fundamentais do problema linguístico brasileiro, e ensejou “o estudo científico do instrumento de comunicação – no nosso caso concreto, a língua portuguesa afeiçãoada às nossas características nacionais” (HOUAISS, 1960, p. 40).

Nesta linha de pensamento, mais recentemente, Noll (2008), ainda sobre a importância do trabalho descritivo do português brasileiro, preconiza que o estudo da língua portuguesa abre interessantes perspectivas para a Linguística, pois sua posição histórica, associada às descobertas dos séculos XV e XVI, conduziu à formação de uma România Nova de cunho português.

Mattos e Silva (2004), sobre o estudo da língua portuguesa falada no Brasil, sinaliza para uma elaboração coletiva, afirmando que a importância dos estudos descritivos do português brasileiro perpassa três metas: (i) os estudos da Dialetolegia, com os atlas regionais e nacional; (ii) com o trabalho da dialeção vertical, conduzida pela Sociolinguística – a partir da década de 70 –; e (iii) do “levantamento exaustivo de depoimentos diretos ou indiretos sobre todos os processos lingüísticos havidos a partir do início da colonização” (MATTOS e SILVA, 2004, p. 55). Esta construção coletiva, anunciada por Mattos e Silva (2004), reside na exatidão com que os dados coletados (orais ou escritos) são trabalhados, fornecendo, além de uma visão panorâmica da língua, a possibilidade de se fazer seu inventário e documentar o grau de aculturação presente na língua, quer seja no espaço geográfico, quer seja no espaço social, de realizar o estudo da formação da língua e da sua história.

É nesta perspectiva que este artigo se insere, como contribuição para o conhecimento do português brasileiro, em especial do Paraná, em que se apresenta o estudo fonético dos dados constantes dos *corpora* já constituídos: cartas do ALPR, em suas duas edições (1994 e 2007) e para o ALiB/seção Paraná.

Para este estudo objetivou-se a análise da neutralização das vogais átonas finais /e/ e /o/ no *corpus* do ALPR, cotejadas aos dados coletados pelo instrumento de coleta de dados do ALiB, com o propósito de contribuir com novos dados para a construção do quadro da língua portuguesa, dentro de uma perspectiva teórica geossociolinguística.

Especificamente, pretendeu-se (i) revisitar os dados fonéticos, nas 65 localidades, dos fenômenos constantes dos dois volumes do ALPR (coletados na década de 80 do século passado); (ii) inventariar os dados fonéticos equivalentes nas entrevistas para o ALiB, nas 17 localidades do estado do Paraná (coletados entre os anos 2001 e 2002); (iii) cotejar e analisar os dois *corpora*; e (iv) elaborar um quadro sinótico, por meio de cartas linguísticas, com os dados de variação fonética no Paraná.

Considerações sobre o ALPR e o ALiB no Paraná

No Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, Aguilera (1994) apresenta 191 cartas linguísticas que contemplam itens lexicais e fenômenos fonéticos. As cartas são acompanhadas de notas explicativas das variantes, além de cartas de possíveis linhas de isoglossas do falar paranaense. A obra é norteada pela Dialectologia tradicional, postulada por Silva Neto (1957) e por Nascentes (1958 e 1961) que, após algumas adaptações à realidade histórica e regional, registrou a fala paranaense em 65 localidades no estado num total de 130 informantes (homens e mulheres, com idade entre 30 e 60 anos, analfabetos ou com pouca escolaridade, nascidos e residentes nas localidades). As entrevistas coletadas por Aguilera (1985 – 89), armazenadas em forma de gravação e material escrito, serviram de fonte para a elaboração das cartas do segundo volume (ALTINO 2007). Peça fundamental para a execução do trabalho desenvolvido, os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, de cunho descritivo, retomaram os dados registrados não contemplados no primeiro volume do atlas do Paraná, 54% do questionário aplicado, para apresentação em cartas lexicais e fonéticas, além de cartas dialetométricas.

O estado, que integra a rede de pontos da Região Sul do Brasil no projeto ALiB, teve a coleta de dados realizada entre os anos de 2001 e 2002. As 17 localidades que compõem a rede de pontos investigados pelo projeto no PR foram exaustivamente estudadas dentro dos critérios da Dialectologia.

Sobre o perfil dos informantes, o banco de dados do ALPR registra as respostas de informantes analfabetos ou pouco escolarizados e homens e mulheres em distribuição diatópica. O banco do ALiB registra informantes de escolaridade fundamental para o interior e fundamental e superior para a capital e homens e mulheres igualmente distribuídos no território paranaense. Para este estudo, as respostas dos informantes com ensino

superior não foram computadas por não ser possível cotejá-las com os dados do ALPR.

Nesse cenário, a amostra para este estudo teve como alvo as respostas dos 130 informantes do ALPR e 68 do ALiB para a verificação dos fenômenos de neutralização das vogais átonas finais /e/ e /o/. Os dados foram revisados e transcritos em planilhas, tratados e transferidos para o programa Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin] – versão 1.1 (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2014), que geraram cartas que foram discutidas à luz das teorias da Dialectologia.

1 Fundamentação teórica: um passeio pelo objeto de estudo

Como é sabido, há sete vogais no português na posição tônica (altas /i/ e /u/, médias /e/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/ e baixa /a/), as quais se reduzem a cinco em contextos de consoante nasal (altas /i/ e /u/, médias /e/, /o/ e baixa /a/ (CÂMARA JR., 2008). De acordo com o autor, o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas, ficando para cada uma, um fonema em vez de dois. Este é o conceito clássico em fonologia denominado *neutralização*. Desta forma, em decorrência das neutralizações, o sistema vocálico do português apresentará, *via de regra*: (i) em pauta pretônica: altas /i/ /u/, médias /e/ /o/ e baixa /a/; (ii) em pauta postônica não-final (altas /i/ /u/, médias /e/ e baixa /a/); e (iii) em pauta postônica final (altas /i/ /u/ e baixa /a/).

Há que se mencionar que Câmara Jr não reconhece, em seu estudo, as diferenças do grau de abertura entre vogais altas e médias. Sobre isso, Ferreira Netto (2001) sinaliza que, em certas regiões do Brasil, é comum ocorrer a realização das vogais átonas finais /e/ e /o/. Estenderíamos esta observação para todo o estado do Paraná e, mais detidamente, para a parte sul do estado, onde há (ou, pelo menos, havia) uma concentração maior da realização das vogais médias. Para Ferreira Netto (2001), esse fenômeno fonológico está vinculado diretamente ao fato de ser visto como uma pronúncia estigmatizada. Afirma, ainda, que o alçamento vocálico resultou do estabelecimento de um dialeto mais prestigiado, que se consagrou como a pronúncia rotulada como padrão do português.

Os estudos variacionistas sobre ao português falado no Brasil, com destaque aqui para os realizados sobre o português falado no Sul do Brasil (SCHMITT, 1987; MERCER, 1992; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; MACHRY DA SILVA, 2009; MENON, 2015, para citar alguns), dão indícios de que, nessa região, a elevação das vogais médias na pauta átona final trata-se de uma regra variável. Podemos encontrar a realização do sistema de três vogais – altas /i/, /u/ e central /a/ – e do sistema de cinco, no qual, além das vogais altas e central, somam-se as médias /e/ e /o/.

Roveda (1998), quando trata da elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues português e italiano, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, conclui que, nesses estados, a regra variável de alçamento /i/ e /u/ mostra-se produtiva nas capitais e nas regiões metropolitanas, podendo ser considerada de aplicação categórica, apresentando índices de aplicação próximos de 99 e 100%, respectivamente. Segundo a autora, nas cidades de fronteira e de colonização alemã e italiana – esta última, foco do estudo da autora – a regra estaria em estágio inicial, com maior elevação da vogal /o/ do que da vogal /e/ (ROVEDA, 1998).

Outro artigo que merece destaque é o que trata da neutralização da átona final de Bisol (2003). Ao discorrer sobre o fenômeno, a autora cita o estudo de Vieira (2002) que analisou os dados do VARSUL em algumas cidades dos estados da Região Sul (Paraná: Curitiba, Pato Branco, Irati e Londrina; Santa Catarina: Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages; e Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Panambi, São Borja e Flores da Cunha), em que os resultados indicam o uso da vogal alta. Segundo ela

Trata-se da terceira neutralização, a da átona final que, na mudança de um sistema secundário para um sistema primário, apresenta alofonia nos dados do Varsul: há variedades de fala que a praticam opcionalmente, até mesmo escassamente. Curitiba, entre as capitais, é um exemplo; há outras que a praticam categoricamente, como Porto Alegre, que se opõe às demais regiões do Estado, que dela fazem uso variável. Essa regra tem as características da neutralização: implica mudança de registro, vai em direção à generalidade e cria um sistema vocálico natural que existe dentro da própria língua e em outras, /i u a/, como existe no árabe clássico, citado por Clements (1991)(BISOL, 2003, p. 277).

Bisol (2003, p. 278) completa que “a neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e que a preferência para a realização da alta tende a generalizar-se”.

Tanto ditongos nasais quanto monotongos podem sofrer a redução quando átonos. Segundo Battisti (2000, p. 256) “uma única vogal, sem qualquer resquício de nasalidade, pode realizar-se em superfície, como em *bênção* > *bênçu* / *nylon* > *nylu*”. A autora analisou as ocorrências sobre o fenômeno no banco de dados do VARSUL, nas entrevistas dos três estados da Região Sul. No que tange ao comportamento da variável Localização Geográfica, Battisti (2000, p. 268) declara que

a observação das peculiaridades da fala mostra o catarinense como o sujeito que produz sílabas finais de vogais facilmente neutralizáveis, em oposição ao paranaense, cuja fala apresenta vocábulos em que vogais (e consoantes) em sílabas átonas finais são produzidas clara e completamente.

Mercer (1992), em seu estudo sobre as áreas fonéticas no estado do Paraná, discute, entre outros fenômenos, a elevação da vogal média, afirmando a sua extensão homogênea e territorialmente considerável, além de contornos razoavelmente determinados, define alguns feixes de isoglossas. (MERCER, 1992). Nas cartas linguísticas 44 e 45 do seu estudo verifica-se a linha que sulca o estado do Paraná em norte e sul, em distribuição da vogal média pelas localidades mais ao sul do estado e o alçamento da vogal média anterior na porção mais ao norte. O autor comenta, como também se faz neste artigo, a relação entre as configurações geolinguísticas do estado do Paraná aos fatos históricos de sua ocupação, buscando “reflexos do processo colonizatório sobre o panorama lingüístico” (MERCER, 1992, p. 106).

Nascentes (1922), em seu estudo *O linguajar carioca*, afirma que a elevação das vogais médias é fenômeno caracterizador de regiões dialetais no Brasil. Estudos como os mencionados nesta seção, além de Bisol (1981), entre outros, investigam as áreas de predominância dessas variantes e os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma ou de outra variante do /o/ e do /e/.

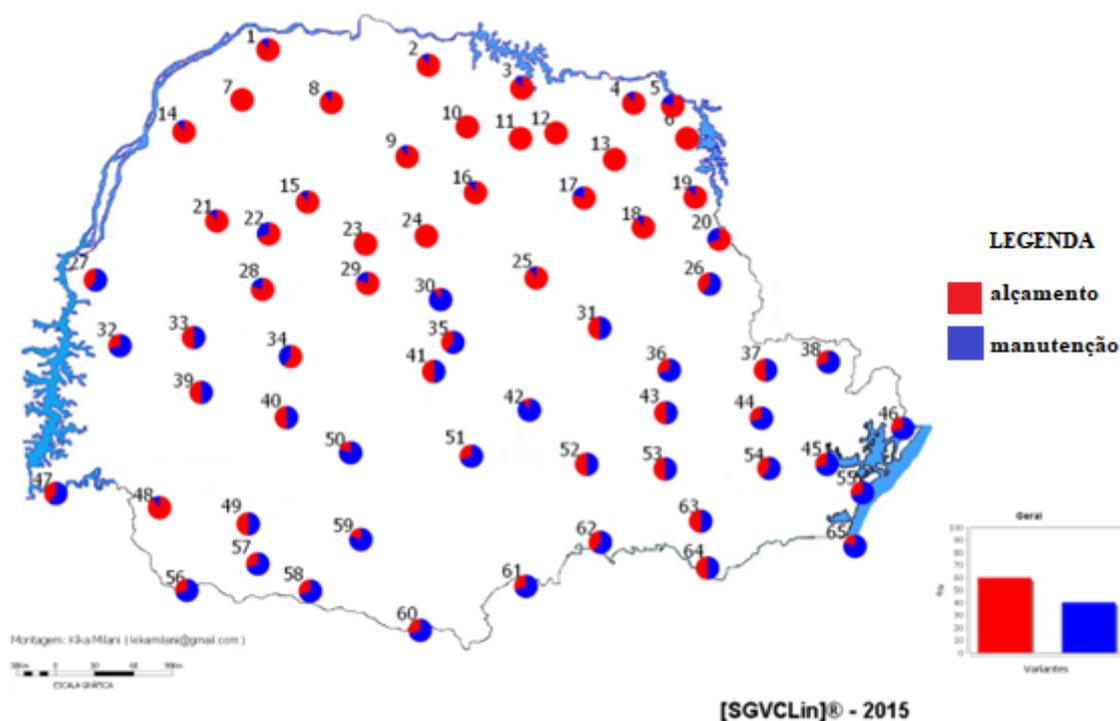
2 Análise dos dados: o que nos contam as cartas linguísticas

Para o estudo da vogal média anterior átona final, do *corpus* do ALPR, selecionamos as questões: 06 (ponte), 33 (eclipse), 59 (árvore), 135 (vaga-lume), 179 (bigode), 180 (cavanhaque), 213 (tuberculose) e 272 (alfaiate) e outras dos dados do ALiB, como veremos em seguida.

Os dados dispostos na carta linguística (Figura 1), permitem visualizar a divisão encontrada na coleta de dados do ALPR. Dos 742 registros obtidos, 302 (41%) foram de realização da vogal média. Há que se observar a parte inferior do mapa – parte sul do estado –, em que a tendência de alçamento da vogal média parece não se concretizar. A hipótese a ser levantada para a manutenção da vogal média nesta área do estado é a da imigração. Os dados sobre a colonização e povoamento do estado mostram que na última fase de ocupação e, ainda na demarcação das terras concedidas às companhias de colonização, observa-se a entrada de colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que, partindo de Pato Branco (ponto 58 do ALPR), rumaram para os vales dos rios Chopim, Piquiri e Paraná. Segundo Altino (2007, p. 124), “estes reimigrantes (alemães e italianos principalmente) que se instalaram no oeste paranaense conferem, em especial ao município de Marechal Cândido Rondon – ponto 32 do ALPR, um possível isolamento lingüístico.”

Segundo Cigolini, Mello e Lopes (2001, p. 74), os “colonos europeus continuaram a estabelecer-se nas proximidades de Curitiba e no centro-sul do estado, formando novos núcleos colonizadores.” Esses novos núcleos, em que se inserem os municípios de Irati (ponto 52), Prudentópolis (ponto 42) e São Mateus do Sul (ponto 62), apresentam menor identidade linguística em relação às localidades circunvizinhas, refletindo a formação étnica de seu povo, registrando índices acima da média para as diferenças linguísticas¹.

Figura 1 – ALPR: Vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALPR.

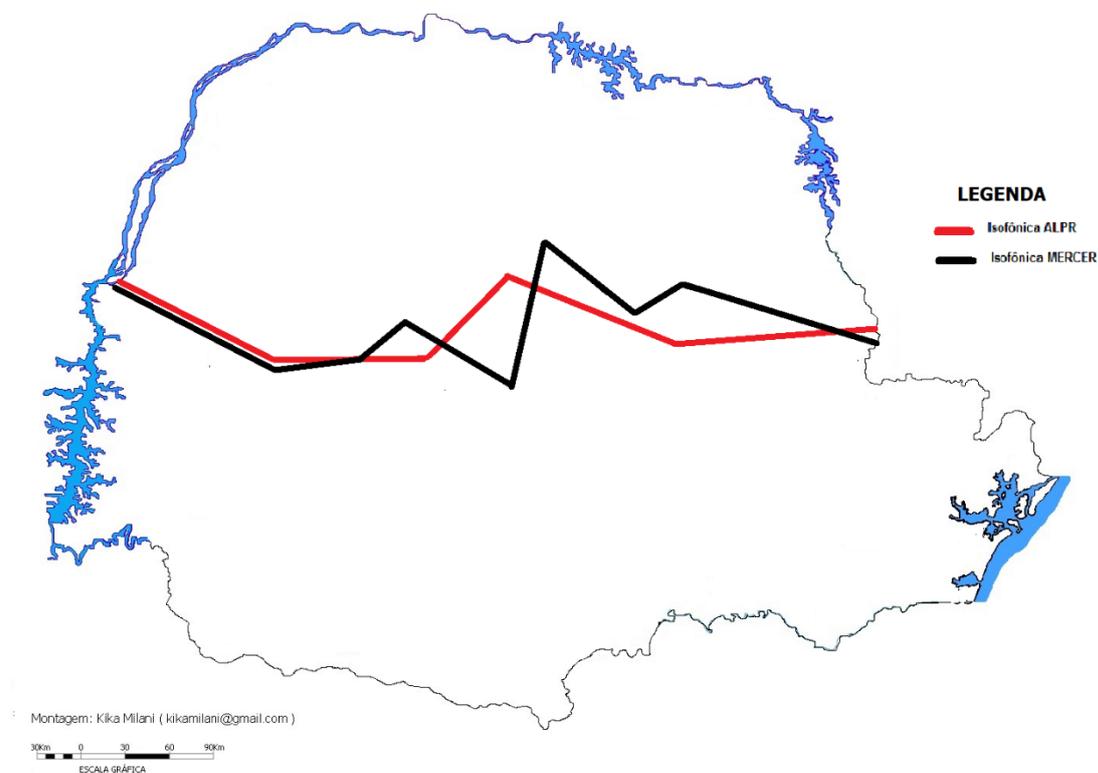
Para a análise da carta um é preciso retornar ao trabalho de Mercer (1992) que trata das áreas fonéticas no Paraná. A Figura 44 de seu estudo, elaborada a partir dos dados coletados para o ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul, mapeia a “área de alta e baixa frequência da elevação de /e/ átono final, precedido de /t/ ou /d/” (MERCER, 1992, p. 96) e delinea áreas bastante próximas das demarcadas com o *corpus* do ALPR. Na Figura 44, o autor demonstra (em porcentagem) a realização do alçamento,

¹ Conferir o estudo dialetométrico realizado por Altino (2007).

demarcando cada área pesquisada pelo ALERS e na Figura 45, como síntese dos dados, delimita três grandes áreas: (i) uma mais ao noroeste do estado, em que há a predominância do alçamento; (ii) uma faixa central que percorre o estado de oeste a norte, em que os registros são de alçamento e de manutenção da vogal média; e (iii) uma área que compreende toda a parte sul, em que há a predominância da manutenção da vogal média. Essa divisão norte-sul para o alçamento e a manutenção da vogal é o cenário da Figura 1. Na parte mais ao norte no estado estão os registros predominantes de alçamento e, mais ao sul, registra-se a manutenção da vogal média anterior átona final.

A síntese dos dados da Figura 1 pode ser visualizada na Figura 2 que é composta de duas isofônicas: uma (em preto) é a adaptação da isofônica traçada a partir das realizações da vogal média apresentada por Mercer (1992, Figura 45) e a segunda, em vermelho, a isofônica a partir dos dados do ALPR que sintetiza os registros da vogal média e cria uma fotografia linguística dos anos 90. O alçamento realizado com maior abrangência na parte norte do estado retrata sua colonização e, da mesma forma, na parte sul do estado, em que há a predominância da vogal média, facilmente justificada pelas características de povoamento.

Figura 2 – Vogal média anterior – isoglossas traçadas – Mercer (1992) e ALPR (1994 e 2007)



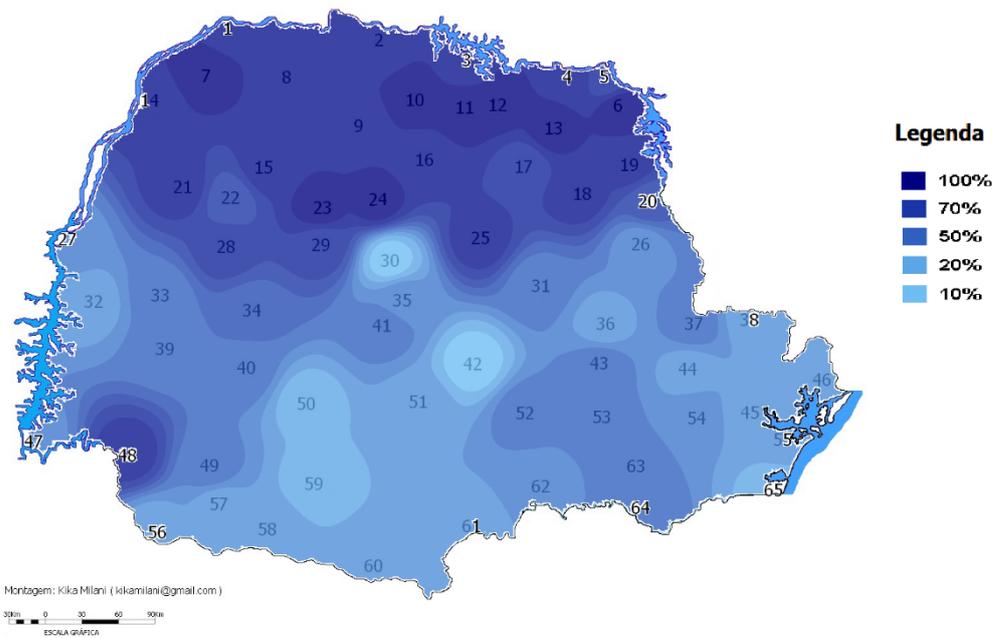
Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALPR e Mercer (1992).

Mercer declara que provavelmente a comunidade falante tenha consciência de sua utilização como um traço distintivo linguístico e afirma, sobre as áreas fonéticas do Paraná, que essa consciência por parte dos falantes “é indicativo da saliência dialetal do traço” (MERCER, 1992, p. 108). Como conclusão de seu estudo sobre as áreas fonéticas no Paraná, o autor assinala quatro feixes de isófonas no estado e uma delas é a “que diz respeito a traços próprios do sul, que são a conservação de /e/ átono final” (1992, p. 119).

Às anotações feitas acima adiciona-se o que revela a Figura 31 do ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011) – que ratifica a manutenção da vogal média para a pronúncia do vocábulo *sete*, documentada no sul do Paraná, além do interior do estado de Santa Catarina e do norte do estado do Rio Grande do Sul, formando uma grande área de realização da vogal média.

A Figura 3 denota a arealidade gradual da ocorrência do alçamento da vogal média anterior em pauta átona final. Para a leitura do mapa, cabe indicar que o gradiente da cor azul demarca o uso do alçamento. Dessa forma, quanto mais escuro o tom azul estiver no mapa, maior será o índice de realização do alçamento.

Figura 3 – ALPR – Arealidade Gradual – Realização do alçamento da vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALPR.

Olhando para o mapa, duas localidades chamam a atenção: o ponto 30 – Ivaiporã e o ponto 42 – Prudentópolis, pelos baixos índices de alçamento (entorno de 10% dos dados foram alçados). Segundo Altino (2007), a origem de Ivaiporã remonta o ano de 1853, com a venda de 83.000 alqueires às margens do rio Ivaí. As terras foram exploradas por uma companhia inglesa de terras e, em 1924, coube à Sociedade Territorial Ubá Ltda a tarefa de colonização. Em 1939, tornam-se terras devolutas e apenas em 1951 acelera-se a colonização com a vinda, principalmente, de agricultores catarinenses. Já Prudentópolis teve início com a construção da linha telegráfica e, em meados de 1894, o Governo Federal inicia a colonização da região, assentando famílias de imigrantes poloneses e ucranianos. Catarinenses no ponto 30 e poloneses e ucranianos no ponto 42 conferiram ao falar dessas duas localidades a manutenção, ao menos até meados do século passado, da vogal média em pauta postônica final.

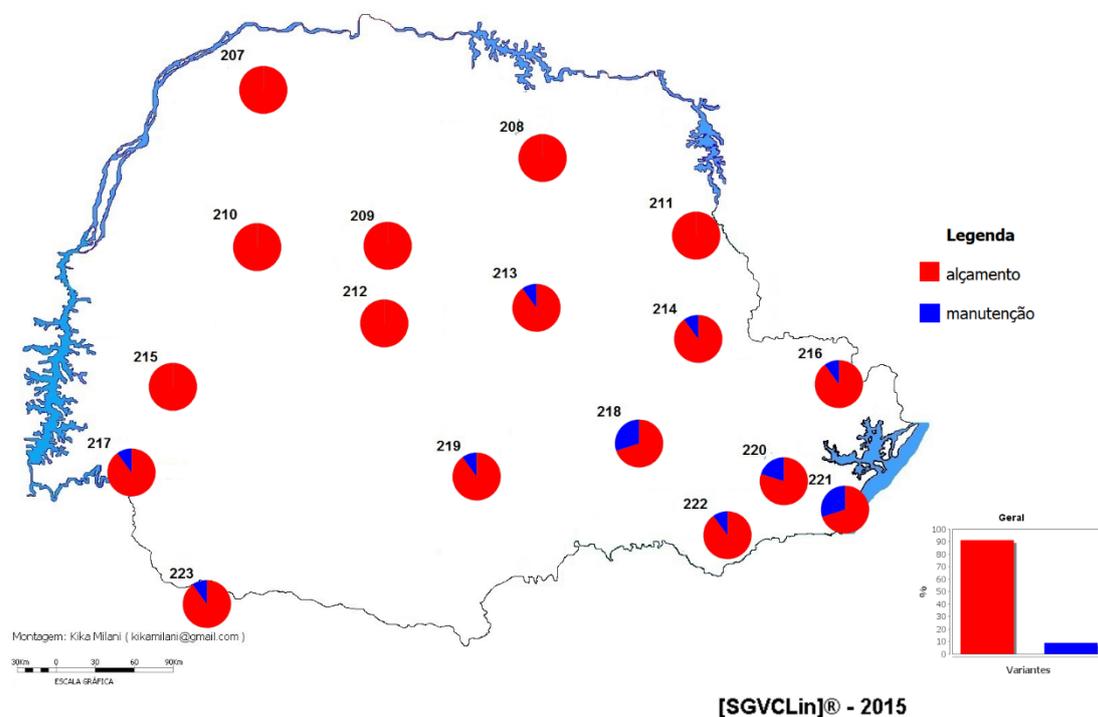
Na Figura 3, pode-se destacar, ainda, o registro da vogal em posição postônica final, embora em uma escala menor do que foi registrado nestes dois pontos de inquérito mencionados, nas localidades de: (i) Marechal Cândido Rondon (ponto 32), com seus reimigrantes alemães e italianos; (ii) Laranjeiras do Sul (ponto 50), colonizada por italianos, poloneses, alemães e brasileiros vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; e (iii) Manguairinha (ponto 59), constituída por imigrantes alemães, italianos, catarinenses e gaúchos; todos com índices entorno de 20%.

De forma geral, na visualização da carta, é nítida a divisão do estado para a realização da vogal média. Na parte norte do estado, a realização do alçamento (em azul escuro) contrasta com a parte sul do Paraná, em que o registro do alçamento se atenua.

Para verificação da vogal média anterior no *corpus* do ALiB foram selecionadas as questões: 30 (tomate), 39 (árvore), 49 (elefante), 50 (peixe), 55 (noite), 62 (tarde), 104 (inocente), 116 (dente), 145 (presente), 157 (hóspede) e adotados os mesmos recursos tecnológicos. Após o tratamento dos dados (revisão e planilhamento) e a submissão ao programa selecionado para a confecção das cartas, obtivemos 78 realizações da vogal média (10% dos dados) para um total de 768 dados, como observado na Figura 4 sobre as vogais médias no *corpus* do ALiB. Cabe lembrar aqui que foram utilizadas as entrevistas dos informantes com escolaridade fundamental de Curitiba para que se pudesse homogeneizar a amostra.

Na Figura 4 é possível verificar o aumento dos registros de alçamento juntos aos informantes paranaenses após uma década de intervalo entre a recolha dos *corpora*. Para o ALPR, as entrevistas foram realizadas entre os anos de 1985 e 89; para o ALiB, entre os anos de 2001 e 2002.

Figura 4 – ALiB Paraná: vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Cotejando as cartas do ALPR e ALiB é possível verificar que a incidência da vogal média anterior, na parte sul do estado, já aparece enfraquecida. A exceção são as localidades 218 – Imbituva, 220 – Curitiba e 221 – Morretes e as razões para a manutenção da vogal média anterior pode ser o resultado do povoamento destas localidades.

Às margens do Caminho de Viamão, Imbituva recebeu nos anos 90 do século XIX imigrantes alemães, italianos, poloneses e russos. Segundo Stadler (2003), o município recebeu um significativo contingente de russos-alemães vindos da região do Volga, estabelecendo uma cultura étnico-religiosa (Luteranos) e divulgando seus costumes e língua. Segundo Ferreira (1996), a onda migratória em Morretes (ponto 221) teve início em 1860 e muitos imigrantes chegaram à cidade litorânea do estado: alemães, sírios, japoneses e, em maior número, os italianos, que se estabeleceram e fundaram a “Colônia Nova Itália”.

Já a capital do estado, segundo Ferreira (1996), começa a ser colonizada por volta de 1640, com a vinda de bandeirantes atraídos pelo ouro. Findada a fase extrativista, a

localidade passou a viver em função da pecuária (por conta do caminho de Viamão), constituindo-se em aristocracia rural por mais de um século. Entre 1830 e 40, a vinda dos imigrantes de origem étnicas diferentes muda o cenário da capital paranaense: italianos, alemães, poloneses e ucranianos alteram os hábitos.

Nestas localidades, a diversidade étnica propiciou a manutenção da realização da vogal média anterior. Esses resultados estão em concordância com os estudos feitos nos demais estados da Região Sul, em que se constata a influência dos imigrantes estrangeiros na fala dos sulistas. Tomando as palavras de Lenzi e Brenner (2008), quando trata das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nos falantes do município de Doutor Pedrinho – SC, “apesar de se tratar de um fato estigmatizado, os falantes daquela região ainda sofrem significativa influência histórica, visto se tratar de um reflexo do bilingüismo, sobretudo português/italiano, que marca o dialeto” (LENZI; BRENNER, 2008, p. 64).

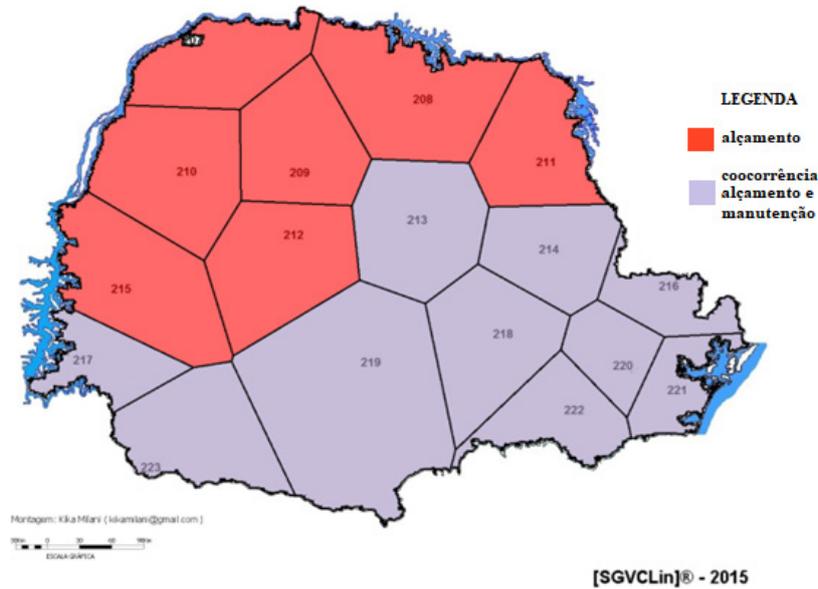
Mileski (2013) chega às mesmas conclusões em seu estudo sobre a localidade de Vista Alegre do Prata – RS. Segundo a autora, a comunidade preserva as vogais médias átonas finais, tendo como comparação outras comunidades de fala da mesma região geográfica. Nas palavras de Mileski (2013, p. 67), a manutenção da vogal média anterior supe-se pelas “características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polonês e italiano, ainda falados na localidade”.

Menon (2015), em seu texto intitulado *Leite quente: o xibolete curitibano*, considera que os curitibanos já alternam a realização da vogal média. Segundo a autora,

Os curitibanos podem elevar, sob certas circunstâncias, a vogal média anterior ou posterior: no contexto de sequência de duas vogais, cuja pronúncia geraria um hiato, é possível ocorrer o alçamento da vogal, produzindo-se [i] ou [u] ou as semivogais [i] e [w] para produzir uma crase ou um ditongo (MENON, 2015, p. 114).

O mapa da arealidade da realização da vogal média no Paraná – Figura 5 - sintetiza a intersecção entre as pronúncias: (i) a manutenção da vogal média anterior coocorrendo com o alçamento que recobre a parte sul do estado, mostrando a abrangência do alçamento, tendência inovadora já descrita em estudos anteriores; e (ii) a predominância a vogal alta em todo norte, entrando para o noroeste.

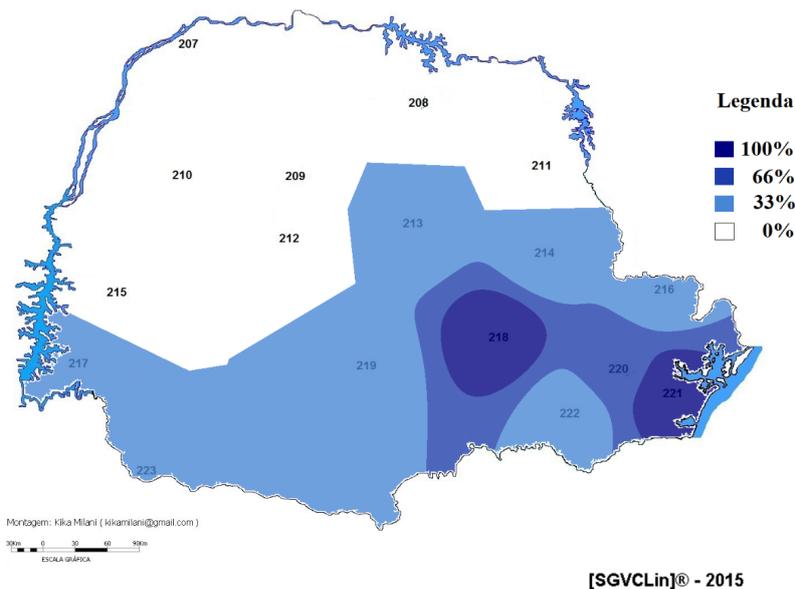
Figura 5 – ALiB Paraná – Arealidade – vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Ao observar o mapa da arealidade gradual da vogal média em dados do ALiB – Figura 6 – fica evidenciada: (i) a formação de uma “ilha linguística” em torno dos pontos 218 - Imbituva, 220 - Curitiba e 221 - Morretes (em azul escuro), já discutidos anteriormente; (ii) a manutenção da vogal média anterior circundada por ambientes em que há a coocorrência do alçamento (em azul claro); e (iii) a realização categórica do alçamento na parte mais ao norte-noroeste do Paraná (em branco).

Figura 6 – ALiB Paraná – Arealidade Gradual – Vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Para finalizar a análise dos dados na perspectiva geográfica, a tabela 1 apresenta os índices para o alçamento da vogal média em oito localidades que são comuns aos dois estudos (ALPR e ALiB).

Tabela 1 – Realização do alçamento da vogal média - localidades comuns aos ALPR e ALiB

Localidades	% ALPR	% ALiB
Londrina	100	100
Umuarama	90	100
Campo Mourão	80	100
Adrianópolis	30	90
Guarapuava	30	90
Curitiba	40	80
Lapa	50	90
Barracão	30	90

Fonte: Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

As três primeiras cidades da tabela 1 já apresentavam altos índices de alçamento no primeiro estudo: Londrina, com a totalidade dos dados alçados, Umuarama e Campo Mourão, com 90 e 80% de alçamento, respectivamente. Londrina e Umuarama foram colonizadas por empresas responsáveis pela venda da terra e receberam, além de imigrantes estrangeiros, uma grande leva de imigrantes paulistas e mineiros. Já Campo Mourão teve sua colonização efetivamente no início do século XX, com imigrantes vindos de Guarapuava e do Rio Grande do Sul. Sobre este assunto, Mercer (1992) afirma

Com a chegada dos mineiros ao Norte Pioneiro iniciou-se a partir desta região a difusão de inovações lingüísticas, entre as quais a realização da velar do /R/ e a elevação de /e/ átono final, que hoje participam da divisão norte e sul. No entanto, a propagação deve ter sido muito lenta a princípio, à vista do isolamento em que permaneceu o Norte Pioneiro em relação ao Paraná Tradicional até 1920 (MERCER, 1992, p. 112).

As demais localidades constantes da tabela (Adrianópolis, Guarapuava, Curitiba, Lapa e Barracão) pertencentes à parte mais ao leste e sul do estado tiveram seus índices de alçamento alterados e aumentados, passando a quase categóricos. Este fenômeno se deve, em parte, à inovação lingüística que, já descrita por vários estudiosos, incluindo Mercer

(1992) e Aguilera (1994), demonstra a realização das vogais altas em contexto átono final como predominante no português do Brasil. Soma-se a isso a história de ocupação no estado que pode ter dado o impulso para o leste e para o sul do alçamento de /e/ átono final.

Para a análise da variável sexo, descrita na tabela 2 que segue, é possível verificar o comportamento semelhante entre homens e mulheres. Os índices de realização da vogal média anterior, que para a amostra do ALPR permanecem na casa dos 30%, sofrem uma redução considerável para a amostra do ALiB. Guardados os mais de dez anos de intervalo entre uma coleta de dados e outra, observa-se uma queda de 20 pontos percentuais no registro da vogal média e certo equilíbrio no uso desta variante: tanto homens quanto mulheres ficam na casa dos 7%.

Embora a literatura clássica da área aponte para a força das mulheres em liderar as mudanças em direção ao padrão, os números não nos permitem esse posicionamento, pois, mesmo de forma sensível, a manutenção da vogal média para as mulheres permanece maior.

Tabela 2 – Realização X alçamento da vogal média anterior – Dados diassexual

	ALPR				ALiB			
	Realização	%	Alçamento	%	Realização	%	Alçamento	%
Masculino	151/508	29,7	357/508	70,3	26/363	7,2	337/363	92,8
Feminino	157/555	28,3	398/555	71,7	28/365	7,7	337/365	92,3

Fonte: Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

Os índices anotados nessa pesquisa vão ao encontro das conclusões de Lucchesi (2003), de que há certa dificuldade para estabelecer o comportamento da variável sexo nos processos de variação e mudança.

Encerradas as observações para a vogal média anterior, os dados e análises passam a focalizar a vogal média posterior. Para esse o estudo, no *corpus* do ALPR, selecionamos as questões, conforme a tabela 3 que segue.

Tabela 3 – Questões selecionadas para a constituição do *corpus* do ALPR – vogal média posterior

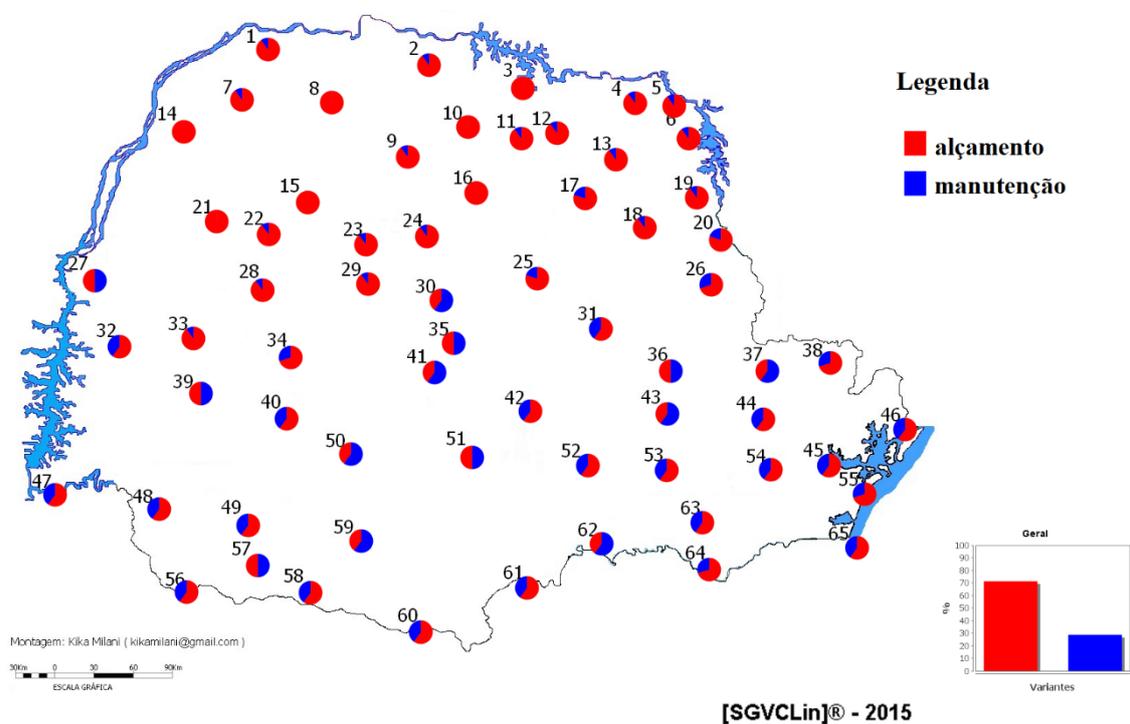
Questões do ALPR			
32	Caminho de São Tiago (Via Láctea)	201	Brinco
41	Redemoinho	202	Surdo
43	Relâmpago	205	Espirro
61	Eucalipto	209	Remédio
67	Galho	220	Umbigo
85	Bagaço	224	Estômago
94	Cravo	227	Útero
96	Alho	231	Ombro
127	Baxeiro	232	Sovaco (Axila)
128	Lagarto	234	Cotovelo
136	Besouro	241	Joelho
137	Piolho	249	Calo
143	Pernilongo	269	Vestido
155	Rato	273	Sapato
183	Queixo	281	Milho
187	Sono	284	Sabugo
188	Sonho	297	Machado

Fonte: Elaborada pela autora com base em Aguilera (1996).

Dos 3.877 registros para a verificação da realização da vogal média posterior, 1.079 (27,8%) foram de manutenção da vogal. Em um comparativo com a vogal média anterior, que teve o índice de manutenção de 41%, é possível notar o enfraquecimento da vogal posterior já na década de oitenta do século passado.

Voltando à atenção para os dados do ALPR (1994 e 2007), sintetizados na Figura 7, é possível verificar a difusão espacial da manutenção e do alçamento da vogal média posterior. Há que se observar a realização da vogal posterior concentrada na parte inferior do mapa, corroborando os dados da vogal anterior. É possível traçar uma isofônica da manutenção da vogal média posterior na parte sul do estado e a maior propensão de utilização do alçamento na parte mais ao norte do Paraná, confirmando a hipótese da influência da imigração, a exemplo da vogal média anterior.

Figura 7 – ALPR – vogal média posterior em posição postônica final



Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALPR

Para verificação da vogal média posterior no *corpus* do ALiB foram selecionadas as questões, como segue na tabela quatro.

Tabela 4 – Questões selecionadas para a constituição do *corpus* do ALiB – vogal média posterior

Questões do ALiB			
2	Terreno	105	Certo
11	Elétrico	109	pecado
19	Almoço	112	Olho
42	Cavalo	113	Pescoço
48	Rato	115	Ouvido
52	Remando	121	Umbigo
60	Sábado	122	Joelho
69	Desvio	127	Vômito
77	Muito	132	Genro
81	Emprego	139	Velho

83	Prefeito	147	Sorriso
93	Soldado	148	Dormindo
100	Companheiro	154	Barulho
		158	Esquerdo

Fonte: Elaborada pela autora com base em Comitê Nacional do Projeto ALiB(1999) .

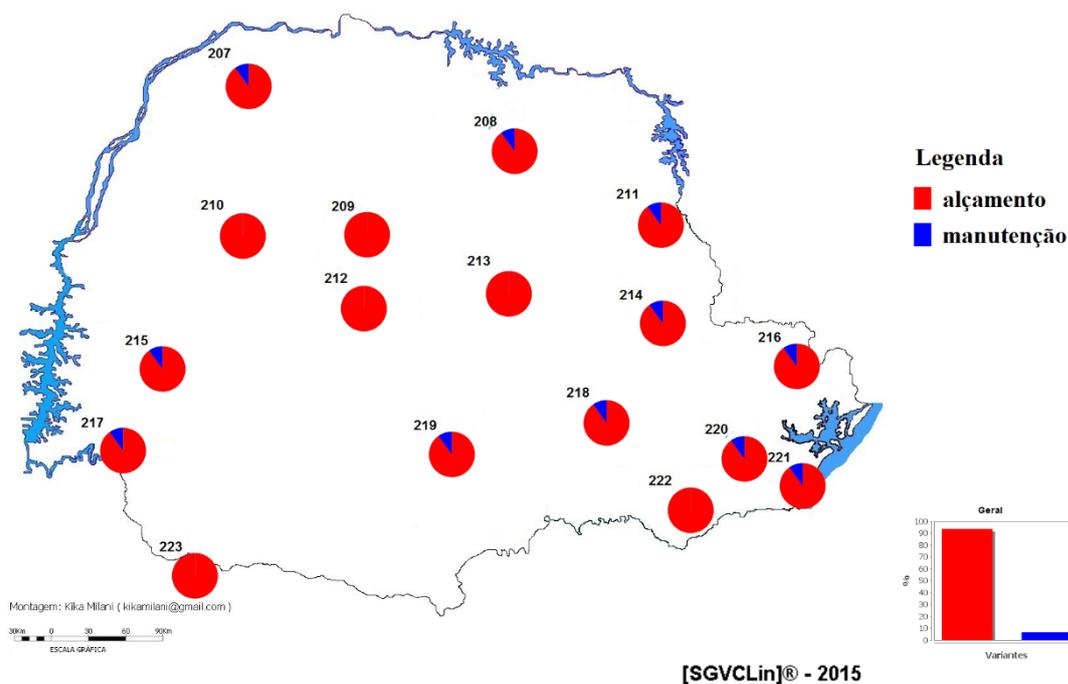
Após o tratamento dos dados e a submissão ao programa selecionado para a confecção das cartas, obtivemos 44 registros da vogal média posterior (2.3% dos dados) para um total de 1.924 dados.

Na Figura 8 verifica-se a abrupta diminuição da realização da vogal posterior e a irrefutável constatação de mudança, mostrando-se em curso semelhante com o que anunciava Amadeu Amaral (1976, p. 5) em 1920, sobre a ocorrência deste fenômeno no português de europeu desde o século XVIII.

Noll (2008) discute o alçamento da média posterior e postula que

a história da lingüística não fornece nenhum testemunho para o fato de que /e/ e /o/ finais correspondam a uma realização distinta de [-e] e [-o], antes do século XVIII. Portanto, as variantes brasileiras regionais [-e] e [-o] seriam arcaísmos do século XVII (NOLL, 2008, p. 223).

Figura 8 – ALiB Paraná – vogal média posterior em posição postônica final

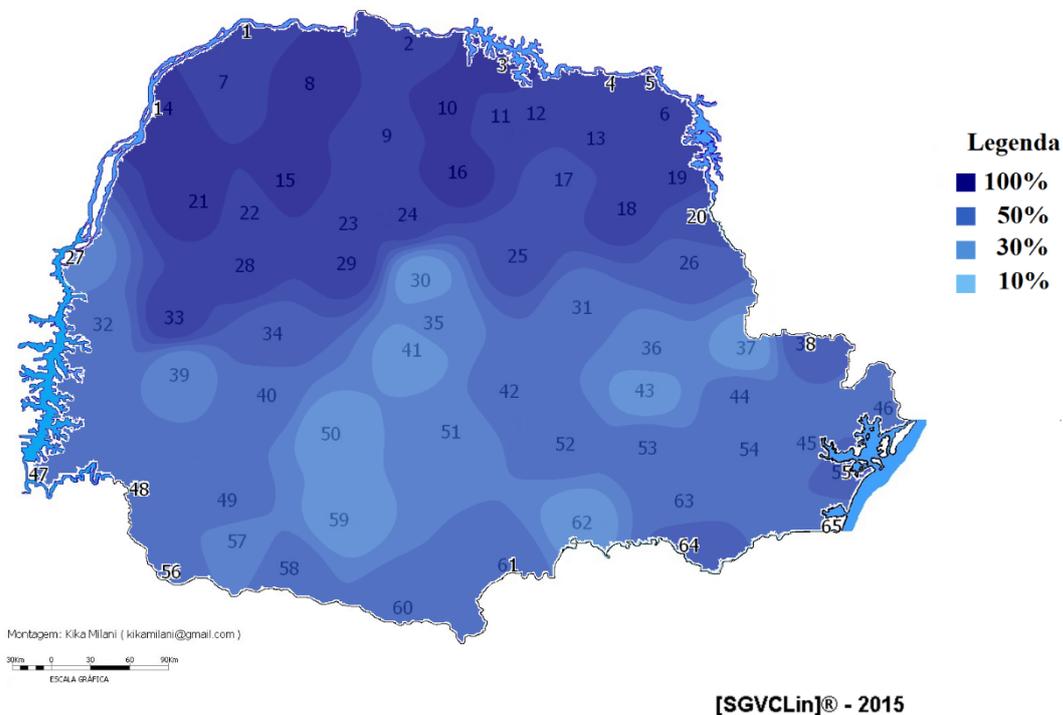


Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALiB.

As cartas 9 e 10, em que se encontram os dados registrados no ALPR e ALiB, respectivamente, retratam a realidade da vogal média posterior.

Para a Figura 9, a concentração do alçamento na parte norte do estado (em azul escuro) mostra, novamente, um Paraná bastante arraigo às origens de sua população. A configuração do uso do alçamento nesta área do estado vem ao encontro dos dados da vogal média anterior.

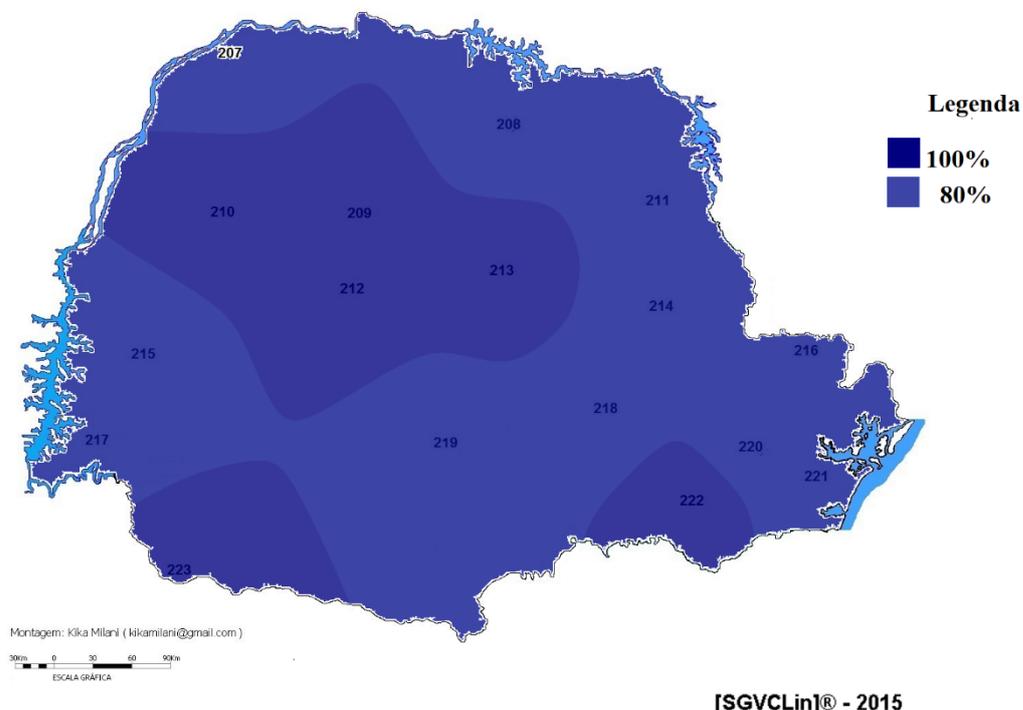
Figura 9 – ALPR – Arealidade – vogal média posterior em posição postônica final



Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALPR.

Já na Figura 10, demonstra haver, após o intervalo entre a recolha dos dados para o atlas do estado e para o ALiB, a predominância do alçamento (observada pelas cores mais fortes do azul). Maior mobilidade dos habitantes das localidades e maior acesso a outras mídias e culturas podem ser os motivadores para o uso.

Figura 10 – ALiB Paraná – Arealidade – vogal média posterior em posição postônica final



Fonte: Elaborada pela autora com dados do ALiB.

Por fim, a análise da variável sexo, descrita na tabela 5 que segue.

Tabela 5 – Realização X alçamento da vogal média posterior – Dados diassexual

	ALPR				ALiB			
	Realização	%	Alçamento	%	Realização	%	Alçamento	%
Masculino	519/1.260	41	741/1.260	59	26/918	3	892/918	97
Feminino	560/2.617	21	2.057/2.617	79	18/1.006	2	988/1.006	98

Fonte: Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

É possível verificar que o comportamento entre homens e mulheres difere dos índices apresentados para a vogal anterior. Para a amostra do ALPR, os homens realizam a vogal posterior átona final de forma mais acentuada que as mulheres, permanecendo na casa dos 40%. Para a amostra do ALiB, em que foram registrados 26 dados, a redução é considerável para, apenas, 3% dos registros.

Para os dados fornecidos por mulheres, obteve-se 21% de realização da vogal média posterior nos dados do ALPR, demonstrando proximidade com os resultados veiculados na literatura, que aponta para a força das mulheres em liderar as mudanças em direção à inovação.

O comportamento da variável sexo, para os dados da vogal posterior parece direcionar para o processo de variação e mudança, aparentemente implementada. Novamente, guardados os mais de dez anos de intervalo entre uma coleta de dados e outra, é evidente a queda percentual nos registros da vogal média posterior e certo equilíbrio no uso desta variante para os dados do ALiB, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Algumas Conclusões

Com base nos dados aqui apresentados, é possível afirmar que os falantes do português no Paraná realizam como tendência inovadora a neutralização da átona final, “processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta”, conforme afirma Bisol (2003, p. 278). Esse fenômeno pode ser observado nos dados de realização das vogais médias, tanto anterior quanto posterior, em sílaba átona final, contribuindo para uma possível redução do sistema a três vogais em pauta átona final, /i/, /a/ e /u/, conforme preconiza Câmara Jr. (2008).

Os mapas apresentados nesse artigo mostram as fotografias linguísticas deste estado e os dados descritos comprovam a tendência de neutralização que, por ora, esbarra em recantos de resistência da realização, principalmente, da vogal média anterior, aflorando a identidade, respaldada pela configuração étnica da ocupação do Paraná.

A realidade social retratada nos *corpora* remete às diferenças de ordem do temporal. O Paraná, antes com maior grau de ruralidade, na amostra do ALPR, contraposta aos dados do ALiB, mais urbano, com a maior mobilidade dos habitantes das localidades e maior acesso a outras mídias e culturas podem ser os motivadores para a difusão e implementação da vogal alta. A capital pode servir de exemplo. Curitiba, em meados da década de 80 e início dos anos 90 do século XX, data da coleta de dados do ALPR, apresentava 65% de realização da vogal média anterior. No *corpus* do ALiB, esse índice chega a 34%, uma diminuição de 52% na realização da vogal média anterior, mais uma vez evidenciando a tendência à neutralização. Os índices de realização da vogal posterior e confirmam estes dados.

Referências

- AGUILERA, V. de A. *Atlas lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. de A. *Atlas lingüístico do Paraná – ALPR. Apresentação*. Londrina: Eduel, 1996.
- ALTINO, F. C. *Atlas Lingüístico do Paraná – II*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUICITEC; Secretaria da Cultura, (1920) 1976.
- BATTISTI, E. A redução variável dos ditongos nasais átonos do português do sul do Brasil. In.: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p- 255-274, março, 2000.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, Editora UFPR, 2003.
- BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1981.
- CÂMARA JR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.
- CIGOLINI, A.; MELLO, L. de; LOPES, N. *Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2001.
- COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil*, 1999.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- FERREIRA, J. C. V. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- HOUAISS, A. *Sugestões para uma política da língua*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1960.
- KOCH, W et al. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS*. Porto Alegre/ Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2011.

LENZI, M. C.; BRENNER, T. de M. Análise das vogais postônicas finais [e] e [o] nos falantes do município de Doutor Pedrinho. In.: *Work. pap. linguíst.*, 9 (1): 55-62, Florianópolis, jan. jun., 2008, p. 57-64.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: ROCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 272-284

MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MALLMANN, D. O. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MENON, O. P. da S. Leite quente: o xibolete curitibano. In.: FAGUNDES, E. D.; PENKAL, L. L.; MENON, O. P. da S. *O falar paranaense*. Curitiba: UTFPR Editora, 2015, p. 113-134.

MERCER, J. L. da V. *Áreas fonéticas do Paraná*. Tese (Admissão como Docente Titular) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

MILESKI, I. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS. In: *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 47-70, jan./jun., 2013.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões: 1922.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil: questionário*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1961.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado), PUC-RS, 1998.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1987.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

STADLER, C. B. *Imbituva uma cidade dos Campos Gerais*. Imbituva, 2003.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 29/06/2021